Índice

Dr. Henry Selwyn	7
Paul Bereyter	29
Ambros Adelwarth	63
Max Ferber	137
Notas	219

Dr. Henry Selwyn

Não destrói o que resta
a recordação[1]

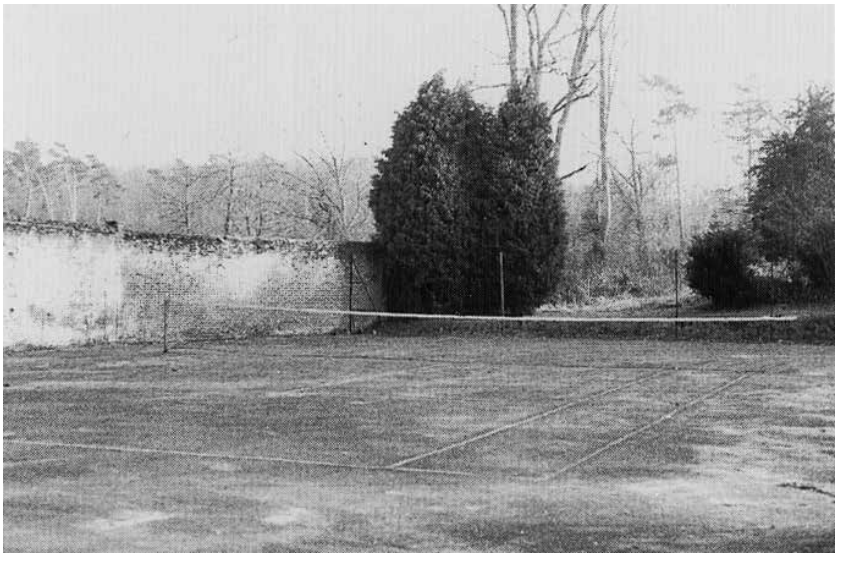


Em finais de setembro de 1970, pouco antes de tomar posse do meu lugar na cidade de Norwich, no Leste de Inglaterra, fui com a Clara a Hingham à procura de casa. A estrada percorre umas quinze milhas pelo interior adentro, atravessando campos, ladeando sebes, passando sob carvalhos frondosos, deixando ao largo alguns povoados dispersos, até aparecer finalmente Hingham, que, com as suas empenas desiguais, a torre e as copas das árvores, quase não sobressai na planície. A ampla praça do mercado, rodeada por fachadas silenciosas, estava deserta, mas não precisámos de muito tempo para encontrar a casa que a agência nos havia indicado. Era uma das

maiores da povoação; não longe da igreja, que se erguia num cemitério relvado com pinheiros escoceses e teixos, ficava numa rua tranquila, escondida atrás de um muro da altura de um homem e de uma moita densamente entrelaçada de azevinho e louro lusitano. Percorremos o declive suave da ampla entrada para carros e atravessámos o pátio fronteiro, coberto uniformemente de cascalho fino. À direita, atrás dos estábulos e dos depósitos, erguia-se bem alto para o céu claro de outono um bosquete de faias com uma colónia de gralhas que agora, no começo da tarde, estava vazia, os ninhos pontos escuros sob o teto de folhas que só por vezes se agitava. A fachada da casa classicista, implantada com largueza, estava coberta de vinha brava, o portão da casa, pintado de preto. Tocámos várias vezes ao batente, um corpo de peixe de latão bem torneado, sem que se mexesse fosse o que fosse no interior da casa. Retrocedemos um pedaço. Os vidros das janelas, divididas em doze, pareciam espelhos escuros. Não dava a sensação de aqui morar alguém. E veio-me à ideia a casa de campo da Charente que, vindo de Angoulême, certa vez visitara, e em frente da qual dois irmãos loucos, um, deputado, o outro, arquiteto, haviam erigido, em decénios de trabalho de planificação e construção, a fachada do palácio de Versalhes, um cenário absolutamente fútil, mas, visto à distância, de grande impacto, cujas janelas eram tão brilhantes e opacas como as da casa em frente da qual agora estávamos. De certeza que nos teríamos vindo embora de mãos a abanar se não nos tivéssemos incitado mutuamente, com uma daquelas fugazes trocas de olhares, a, pelo menos, irmos ainda dar uma vista de olhos ao jardim. Circundámos a casa com cautela. No lado norte, os tijolos estavam esverdeados, hera de vários matizes revestia em parte as paredes e um caminho coberto de musgo, passando pela entrada de serviço e pelo barraco da lenha, seguia por entre sombras cerradas, conduzindo, finalmente, como a um palco, a um grande terraço com uma balaustrada de pedra, sob a qual ficava um relvado amplo, quadrado, encaixado entre canteiros de flores, moitas e árvores. Além da relva, em direção a oeste, a paisagem abria-se para um parque com tílias, olmos e carvalhos de folha perene. Por detrás, as suaves ondas dos campos e as brancas montanhas de nuvens no horizonte. Ficámos muito tempo em silêncio a contemplar esta paisagem que, em de-

graus descendentes e ascendentes, atraía o olhar para a lonjura, julgando estar completamente sós, até vermos uma figura imóvel deitada na penumbra que um cedro alto projetava pela relva no canto sudoeste do jardim. Era um homem idoso que tinha a cabeça apoiada no braço em ângulo e parecia de todo em todo absorto na contemplação do pedacinho de terra mesmo à frente dos seus olhos. Atravessámos em diagonal o relvado, que deu a cada um dos nossos passos uma leveza maravilhosa, em direção a ele. Mas só quando chegámos mesmo à sua beira é que reparou em nós e se levantou, não sem um certo embaraço. Embora alto e espadaúdo, parecia atarracado, teria até podido dizer-se que parecia uma pessoa muito pequena. Talvez isto se devesse ao facto de, como não tardaria a revelar-se, ele usar sempre uns óculos de ler dourados de meia-lente, sobre cuja borda espreitava de cabeça baixa, o que decerto lhe incutira o hábito de assumir uma posição curvada, quase de suplicante. Tinha o cabelo branco penteado para trás, mas algumas madeixas estavam sempre a cair-lhe para a testa invulgarmente alta. *I was counting the blades of grass*, disse ele, à laia de desculpa pela sua atitude absorta. *It's a sort of pastime of mine. Rather irritating, I am afraid*.[2] Afastou uma das madeixas brancas para trás. Os seus gestos eram desajeitados e, ao mesmo tempo, perfeitos; também a forma como se nos apresentou como o Dr. Henry Selwyn foi de uma cortesia há muito desusada. Decerto, acrescentou, tínhamos vindo por causa da casa. Tanto quanto podia dizer, ainda não fora alugada, mas, de qualquer modo, teríamos de aguardar pelo regresso de Mrs Selwyn, dado que a dona da casa era ela, ele, por seu lado, era um simples habitante do jardim, *a kind of ornamental hermit*.[3] No decurso da conversa que se seguiu a estas primeiras observações, tínhamos caminhado ao longo do gradeamento de ferro que separava o jardim do espaço aberto do parque. Detivemo-nos um pouco. Rodeando uma pequena mata de amieiros, apareceram três corpulentos cavalos brancos a resfolegar, levantando tufos de erva enquanto trotavam. Expectantes, postaram-se junto a nós. O Dr. Selwyn deu-lhes comida que tirou do bolso, acariciando-lhes as ventas. Vivem, disse, da minha caridade. Comprei-os no ano passado por meia dúzia de libras num leilão de cavalos do qual de certeza teriam ido diretos para o matadouro. Chamam-se Herschel, Humphrey e

Hippolytus. Não sei nada da vida anterior deles, mas, quando os comprei, estavam com um aspeto lastimável. Tinham o pelo infestado de ácaros, o olhar velado e os cascos, de tanto permanecerem de pé num campo húmido, estavam de todo desfeitos. Entretanto, disse o Dr. Selwyn, restabeleceram-se até certo ponto, e talvez tenham ainda pela frente alguns bons anos. Depois, despediu-se dos cavalos, que, visivelmente, lhe eram muito afeiçoados, e, parando de vez em quando e alongando-se no que estava a dizer, foi passear connosco às partes mais afastadas do jardim. Por entre as moitas da parte sul do relvado, uma vereda ia dar a uma passagem orlada por aveleiras. Na ramagem que se fechava num dossel sobre nós, andavam esquilos cinzentos a fazer das suas. O solo estava densamente



juncado das cascas das nozes partidas e narcisos às centenas captavam a luz rala que penetrava pelo meio das folhas que já farfalhavam de secas. A passagem das aveleiras terminava num campo de ténis ladeado por um muro de tijolos caiado. *Tennis*, disse o Dr. Selwyn, *used to be my great passion. But now the court has fallen into disrepair, like so much else around here*.[4] Não apenas a horta, prosseguiu, apontando para as estufas vitorianas semiarruinadas e os caramanchões cobertos de mato, não apenas a horta estava a su-

cumbir após anos de desleixo, também a natureza negligenciada, cada vez mais o sentia, estava a gemer e a soçobrar sob o peso do que lhe púnhamos em cima. Era certo que a horta, criada em tempos para abastecer uma família numerosa e de onde vinham para a mesa durante o ano inteiro fruta e legumes cultivados com grande mestria, ainda hoje, mau grado todo o desleixo, produzia tanta coisa que ele dispunha de muito mais do que precisava para as suas próprias necessidades, que, tinha de confessar, iam sendo cada vez menores. Deixar a horta, outrora modelar, ao abandono tinha, de resto, disse o Dr. Selwyn, a vantagem de que o que nela crescia ou o que ele, aqui e acolá, sem se esforçar por aí além, semeava ou plantava tinha, na sua opinião, um sabor extraordinariamente requintado. Atravessámos um canteiro de espargos espigados com tufos de folhagem à altura do ombro e uma série de pujantes pés de alcachofra,



dirigindo-nos para um pequeno grupo de macieiras de que pendia uma infinidade de frutos rubro-amarelados. O Dr. Selwyn pôs em cima de uma folha de ruibarbo uma dúzia destas maçãs de conto de fadas, que, de facto, superavam em sabor tudo o que eu provara até esse momento, e ofereceu-as a Clara, com a observação de que aquela casta tinha, apropriadamente, o nome de Beauty of Bath.